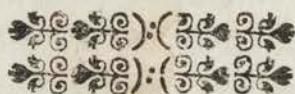


1772 20 2

S E R M A Õ
D O
G L O R I O S O P A T R I A R C A
S. F R A N C I S C O,
Q U E P R E ' G O U
N O C O N V E N T O D E S. J O S E P H D E R I B A M A R
O P A D R E M E S T R E
F R E Y A N T O N I O D O N A C I M E N T O
M O C A M B O,
R e l i g i o s o A r r a b i d o , e L e n t e d e P r i m a d e
T h e o l o g i a ;
O F F E R E C I D O
A O M U I T O A L T O , E M U I T O P O D E R O S O R E Y ,
E S E N H O R N O S S O
D O M J O A Õ V.
Q U E C O M S U A R E A L P R E S E N Ç A , E A D O
S E R E N I S S I M O I N F A N T E
D O M A N T O N I O
D E R A M A L E N T O S A O P A N E G Y R I C O ,

*Dado á Imprensa por hum devoto da Provincia da
Arrabida.*



L I S B O A O C C I D E N T A L ;
N A O F F I C I N A D A M U S I C A M . D C C . X X V I
Com todas as licenças necessarias.

L 2678

2/389

O
 E R M A
 DO
 PATRIARCA
 FRANCISCO
 QUE PREGOU
 NO CONVENIO DE S. JOSEPH DE NHA MIA
 A 22 DE ABRIL
 REY ANTONIO DO NASCIMENTO
 MOGAMBO
 Religio, Artilho, e Lente de Prima de
 Theologia
 O A REA ECADO
 AO MUNTO ALTO, E MUNTO PODEROSO REY,
 E S. ANHONOR NOSSO
 DOM JOAO V.
 QUE COM SUA REAL PRESENÇA, E A DO
 S. A MISSIVO INALTE
 DOM ANTONIO
 DE AVALIANTO AGRAVANTISSIMO

LISBOA OCCIDENTAL
 OFFICINA DA MUSICA M. DO
 48674
 252.02
 LP 18 52

obedi
 tar
 festo
 effia
 me
 faga



SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



PRIMEIRA acção de expor , presente V. Mag. este Panegyrico foy filha da obediencia ; nem outro pudera ser o motivo, que me obrigasse a cortar pelo conhecimento proprio. A segunda de fazer agora manifesto a todos o que talvez ficou na urbanidade occulto , precedeu de efficaç empenho : não querer cahir no absurdo de desagradecido , me conduz ao excesso de temerario. Conheço o risco , e busco o refugio ; o refugio he a protecção de V. Mag. o risco he a censura da

A 2

minha

D E D I C A T O R I A.

minha insufficiencia: e ainda que esta he incomparavel, e indefectivel. Se bem, q̃ como a humildade da obra não ba-
para subir, nada lhe fica que descer; nem a inveja pro-
gos, em que não adiante os passos. Esta consideração fo-
gosa para destruir a mayor repugnancia, que em mim achou o em-
penho de quem procura estampar este Panegyrico: porẽm voltando
sobre as circumstancias delle, achei que ainda assim era preciso bus-
car amparo; porque se não livra de emulos a gloria, que lhe deu
a presença de V. Mag. e a fortuna, que lhe communicou o objecto
do nosso applauso; por isso seguindo a advertencia de huma Pen-
douta, olhei que vinha muito a proposito huma cautela justa: Sæ-
pe experimur hostes maiores, quos ut minores contempnimus.
Causa, porque se atreve a buscar nos pés de V. Mag. esta grossa
respiração do meu discurso o desafogo sem sobreffalto; pois he o lu-
gar, em que a posso reconhecer segura, e nunca mais venturosa:
porque, tendo-o sido no primeiro alento, que a Real presença de V.
Mag. lhe permittio, fez pressagio felice para este segundo impulso;
e como o animo de V. Mag. he seyo, em que cabem unidas a gran-
deza, e a piedade, na piedade prevejo felicitado o rogo, e na gran-
deza protegido o rasgo. Guarde Deos a Pessoa de V. Mag. innum-
meraveis annos, e lhos prospere, como lhe pedimos.

Fr. Antonio do Nascimento.

L I C E N Ç A S.

DA ORDEM.

Fr. Juan de Soto, Lector Jubilado, Theologo de S. M. en la R. Junta de la Immaculada Concepcion, Commissario General de toda la Orden de nuestro S. P. S. Francisco en esta Familia Zismontana, y de las Indias, y siervo, &c.

POr el tenor de las presentes, y por lo que a nós toca, cõcedemos nuestra bendicion, y licencia al P. Fray Antonio del Nacimiento, Lector de Theologia, y hijo de nuestra Provincia de la Arrabida, para que, constando de la aprobacion del R. P. Fr. Antonio de la Piedad, Lector de Theologia, y Definidor actual de la misma Provincia, (a cuyo examen le cometemos) pueda dar a la prensa un Sermon de nuestro S. Padre S. Francisco, que ha compuesto, y predicado en nuestro Convento de S. Joseph de Riba mar, guardando en lo de más los Decretos del Santo Concilio, y las Reales Pragmaticas de S. Mag. Datum en este nuestro Convento de San Francisco de Madrid en 9. de Henero de 1726.

Fr. Juan de Soto, Commissario General, y de Indias.

CENSURA DO R. P. M. Fr. ANTONIO

da Piedade, Qualificador do S. Officio, e Definidor actual da Provinca da Arrabida, &c.

EM virtude da Patente affirma do nosso R. Padre Cõmissario Geral Fr. Joaõ de Soto, Leitor Jubilado, e Theologo na Junta da immaculada Conceiçaõ, li o Sermaõ, que na Festa de nosso Serafico Patriarca prègou neste Convento de S. Joseph de Riba mar o Carissimo Irmaõ Fr. Antonio do Nacimenro, Lente de Theologia de Prima, e filho meritissimo desta nossa Provincia da Arrabida. Confesso que com esta liçaõ moderrey de alguma sorte o pezar, que tive de não ser
hum

L I C E N Ç A S.

hum dos seus ouvintes. Contentava-me sómente com o elogios, que lhe davaõ os que tiveraõ a fortuna de l' Bem sabia eu que todos lhe eraõ devidos pela pos- tem adquirido nos estrondosos brados da fama, pois que em qualquer Sermaõ, que prèga na Corre, ou outro qualquer lugar, se empenha gloriola em lhos repetir, fazendo-o tambem das mesmas solennidades repetido Orador. Por este motivo sem duvida lhe declara o elevado do talento, e com mayor acerto no presente Sermaõ, em que igualmente se admira erudito, eloquente, noticioso, e delicado Escriuario. He o assumpto declarar ao nosso Serafico Padre Rey dos Santos, e Santo dos Reys; e sendo este assumpto taõ Real, havendo a razãõ precisada como a minha pela obediencia dizer o que fere, digo que, sendo a Aguia feliz auspicio das Magestades para os luzidos creditos dos seus Imperios, a nosso Padre Rey dos Santos, e Santo dos Reys só este Prègador como Aguia taõ remontada he que podia bem declarar o seu dilatado dominio. Ficarã de todo satisfeito o meu jubilo quando veja este Sermaõ communicado a todos na Imprensa, de que he dignissimo, pois naõ tem cousa contra nossa Santa Fè, ou bons costumes, que a desmereça, antes sim por todas se faz merecedor do que o seu Author pretende. Este he o meu parecer, salvo meliori judicio. Convento de S. Joseph de Riba mar 22. de Janeiro de 1726,

Fr. Antonio da Piedade.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M.R. PADRE MESTRE

*Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo
Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

LIo Sermaõ, que no Convento de S. Joseph de Ribamar prègou o M. R. P. M. Fr. Antonio do Nascimento Mocambo, Religioso Arrabido, e Lente de Prima de Theologia; e nelle com particular agudeza, e singular erudição mostra que seu Serafico Padre S. Francisco foy o Rey dos Santos, e o Santo dos Reys, e com tal agudeza o prova, que não será temeridade, quando por este Panegyrico o julgue ou por Principe dos Prègadores, ou por dignissimo Prègador dos Reys. Não tem cousa contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, e assim o julgo por muito capaz de se imprimir. Convento de N. Senhora da Graça de Lisboa Oriental 14. de Novembro de 1725.

O Mestre Fr. Alvaro Pimentel.

CENSURA DO M.R. PADRE MESTRE

*Doutor Fr. Antonio do Sacramento, Qualificador
do Santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

LIo Sermaõ, que a Petição expõem, e me parece dignissimo de sahir a luz. Porque o Prègador (seguindo as maximas dos que o sabem ser) tratou muito de conformar o seu assumpto com o Auditorio, e como a este o fez tres vezes grãde a Real presença do nosso invictissimo Monarca, para hum Auditorio maximo era preciso ser o assumpto do Sermaõ a todas as luzes Regio.

L I C E N Ç A S.

Mas, se o Prégador pela sua profissão teve a fortuna de dar a conhecer por filho de hum Patriarca, que he o R. Santos, era quasi necessario advertir em outro Rey, que suas operações se tem feito superior a todos os Monarcas. De meu grande Patriarca S. Francisco o diz assim o Prégador no seu Sermaõ; do nosso serenissimo Monarca não basta, que o confesse assim o Mundo presente, porque o excede; eraõ necessarios mais Mundos, eraõ necessarios os Mundos, porq Alexandre suspirava: porque, como a todos elles havia de chegar o seu amplissimo, e magnifico coração, só estes Mundos multiplicados poderiaõ fazer confissão verdadeira de que pelas suas acções Regias se tinha feito hum preclarissimo realce sobre todas as Monarquias. Deve pois sair logo a luz o Sermaõ, para q o Mundo admire unidas nelle ca na terra as duas Fortunas, que os Mathematicos avistaõ unidas la no Ceo. A Fortuna menor, que mostra, e manifesta a filiação do Prégador, a Fortuna mayor, que expõem a Real presença, e protecção de hum Monarca, que he o excesso do nosso Mundo presente com inveja de todos os Mundos possiveis. Por estas cousas, e por não ter cousa contra a nossa Fè, e bons costumes, se faz digno o Prégador de se lhe conceder a licença, que pede. S. Domingos de Lisboa Occidental em 20. de Novembro de 1725. *O Doutor Fr. Antonio do Sacramento.*

D O O R D I N A R I O.

CENSURA DO M. R. P. MESTRE DOUTOR

Fr. Joseph de Lima, Lente de Theologia, &c.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

Tenho visto o Sermaõ, que o M. R. P. Fr. Antonio do Nascimento Mocambo, filho da religiosissima Provincia de nossa Senhora da Arrabida, Lente de Prima de Theologia,

L I C E N Ç A S.

prègou no Convento de meu Senhor S. Joseph chama-
e Riba mar neste presente anno na Festa, que em codos
faz S. Mag. que Deos guarde, ao grande Patriarca S. Fran-
cisco de Assis. E lendo-o com a attençaõ, que pedia a materia,
naõ achey nelle que censurar, muito sim, que admirar no ele-
vado do assumpto, que seu Author ideou, no claro dos con-
ceitos, que propoz, no elegante das provas, que expendeu,
no eloquente das amplificações, com que exornou os discurs-
sos, e no veridico das narrações, com que completou o Pa-
negyrico, germanado com felicidade rara o conceituado com
o historico, mostrando finalmente o seu grande talento, e o
bem, que com o seu estudo, e applicação o sabe aproveitar. E
assim julgo que bem pòde V. Illustrissima conceder licença,
para que se imprima. Carmo de Lisboa Occidental 25. de
Novembro de 1725.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

Fr. Joseph de Lima.

DO

D O P A Ç O.

CENSURADO M. R. P. M. Fr. JOAM DE AZEVEDO

Lente de Theologia, e Examinador Synodal, &c.

S E N H O R.

POr mandado de V. Mag. vi o Sermaõ, de que esta Petição trata, que V. Mag. ouviu, e no seu Convento de S. Joseph de Riba mar prègou o Padre M. Fr. Antonio do Nascimento Mocambo, Religioso Arrabido. Quando li o nome do Author, logo assentey comigo que tudo neste Sermaõ seriaõ verdades Theologicas, Filosofias certas, allegações verdadeiras dos Santos Padres, e Sagrados Expositores, e huma indubitavel narraçaõ da Historia Serafica; tudo, ao que me persuadi, achey era verdade. Nem esta minha imaginaçaõ encontrou aquelle conhecimento, que ha muitos annos tenho deste grande Prègador, e subtil Theologo. Neste engenheiro Sermaõ com agudeza, clareza, e relevancia estã desempenhado o promettido assumpto pelas Sagradas Escrituras, e intelligencias dos Santos Padres, e Expositores Sagrados. He este Sermaõ digno de fahir a luz, naõ sò para exemplar de Prègadores, mas sim tambem para mais affervorar os affectos do sempre grande, e nunca bem louvado, o Serafico Patriarca S. Francisco, se Rey entre todos os Santos, Santo muy particular para os nossos Reys, e Monarcas Portuguezes. Naõ contèm cousa alguma, que encontre o Real serviço de vossa Mag. Este o meu parecer, V. Mag. mandará o que for de seu Real serviço. Lisboa Oriental Convento de nossa Senhora da Graça 11. de Dezembro de 1725.

O Mestre Fr. João de Azevedo.

EM



EM LOUVOR
DO PANEGRISTA
DE HUM FILHO DA MESMA
Provincia

SONETO.



COM penna Regia a Cithara tocaste,
Com doce toque os animos feriste,
Encantos nos conceitos descobriste,
E voos nas idéas sublimaste;
Monarquias de luzes registraſte
La na elevada Esfera, a que subiste,
Alentos aos pequenos infundiste,
E com motivo os grandes admiraſte;
Azas te deu a penna, com que foſte,
Naõ Icaro no voo, que empredeſte,
Mas Dedalo no bem, que a fama goſte:
Pois tambem goſta a fama, que venceſte,
Para que durações com o tempo apoſte
Do venturoſo aſſumpto, que lhe déſte.

AO MESMO ASSUMPTO, E DO MESMO
Author

S O N E T O.

Mayor al menor hizo la agudeza
De tu subtil ingenio, pues gloriosa
Laurel Ciñiendo, la corona goza
Ciene en fin, que te sirvió de empresa ;
A la humildad rendida la grandesa,
El solio cede por accion forçosa
A pesar de la embidia, que nõ osa
Medir con tus ardores su tibiesa ;
Imperiosa tu voz dexa confusa
La misma admiracion, que immortaliza,
Venciendo los encantos de Medusa ;
Si el que coronas da más se enthroniza,
Throno darte la Fama nõ rehusa,
Pues tu merito sus emporios pisa.





Revelasti ea parvulis. Matth. 11.

HUM Rey o mais poderoso, hum Rey o mais scientifico, hum Rey o mais amante: o mais amante, porque entre os respeitos de Soberano se desentranha todo em affectos de benefico quando na procura da iguaria mais saudavel se nos participa, e se nos communica: *Misericors, & miserator Dominus; escam dedit timentibus se.* O mais scientifico, porque tudo alcança, e tudo percebe a sua admiravel, quanto incomprehensivel comprehensão: *Omnia autem nuda, & aperta sunt oculis ejus.* O mais poderoso, porque ao seu imperio se fugeita reverente em submissões profundas o Mundo todo: *Totus Mundus subjugatus est Sacramento Corporis, & Sanguinis Domini.* *Pf. 110. n. 4.*

Senhor, dessa Real, e sempre Augusta Magestade he que fallo; pois chegando os nossos obsequios, e as nossas venerações a tributarvos o titulo de verdadeiro Rey pelo inacessivel poder, com que vos ostentais nessa Divina, e grandiosa Mesa: *In hac Mensa novi Regis;* vos reconheceremos sempre por Sacramentado, Rey poderoso, Rey sabio, e Rey amante: *In hoc pane resplendent mirabilia Dei omnipotentis, sapientis, & amantis.* *Ex Eccl. Sylv. t. 3. cap. 35. n. 74. que ad 78.*

Este Rey pois, que no amor extremo, na comprehensão unico, e singular no poder, excede a todos os Reys, e he o Rey entre todos, que merece ser reconhecido, e venerado pelo Rey de todos os mais Reys:

Apoc. 19.
n. 16.

Reys: *Rex Regum, & Dominus dominantium*; se expõem hoje aos nossos olhos affectivo em honorificação com sua Real assistencia os affectuosos applausos, plausiveis cultos, que offerecem os nossos rendimentos a hum Santo, o qual não menos que em dous Reynos, entre os mais, de que aquelle Supremo Monarca he com mayor especialidade Senhor absoluto, venturosamente adquirio, e logrou a Coroa de Rey de todos os Santos, ficando tambem reconhecido por Santo de todos os Reys.

Porém para eu declarar quem he este Santo, que nos dous Reynos especiaes de Christo se de reconhecer, e propor Santo de todos os Reys, e Rey de todos os Santos, se faz primeiro precisa a individuação destes Reynos, em que este Santo, sendo Rey de todos os Santos, foy tambem Santo de todos os Reys. Digo pois que são estes dous Reynos Espiritual hum, e material outro, este o dos Portuguezes, aquelle o de toda a Igreja Catholica; ouçam-me os fundamentos, e logo merecerey os creditos.

Apoc. 5.
num. 10.

Que a Igreja Catholica seja hum Reyno, e muito especial de Christo, se verifica daquellas palavras, com que o Euangelista S. João no seu Apocalypse o infinua: *Fecisti nos Deo nostro Regnum*; razão, porque, sendo hum Rey em hum corpo Monarquico a cabeça pela superioridade, que diz ás mais partes integraes, como a Nabuco se representou na cabeça de ouro daquella famosa estatua composta de prata, bronze, ferro, e barro, affirma S. Paulo ser Christo bem nosso do mystico corpo da sua Igreja a cabeça: *Caput est Ecclesiae*; e cabeça de finissimo ouro: *Caput ejus aurum optimum*.

Ad Eph.
5. n. 23.
Cant. 5.
num. 11.

E que o Reyno de Portugal seja entre os mais Reynos, de que consta este esferico corpo, o Reyno mais parti-

icular desse Soberano Senhor, o mesmo Senhor em
 a nossa, e bondade sua o declara assim, elegendo-o
 desde os seus primeiros principios para Imperio, e
 Reyno seu, conforme a palavra dada ao seu primeiro
 Rey: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabili-
 re; erit mihi Regnum.*

Resta-nos saber agora quem he aquelle Santo, que
 nestes dous Reynos de Christo foy o Rey de todos os
 Santos, e he o Santo de todos os Reys? Diga o pri-
 meiramente o Cardial Pisano; diz o advertido Pane-
 gyrista. Este Santo hum Patriarca, he hum Profe-
 ta, he hum Apostolo, he hum Martyr, he hum Dou-
 tor, he hum Confessor, he hum Virgem; Virgem o
 mais puro, Confessor o mais penitente, Doutor o mais
 scientifico, Martyr o mais constante, Apostolo o mais
 zeloso, Profeta o mais illuminado, e Patriarca o mais
 poderoso.

Card. de
 Pis. Serm.
 Sanct.
 Franc.

Com mayor individuação, e superior idèa quer
 Mayronio dar a conhecer quem este Santo seja. Este
 Santo, diz o Douto, he hum Anjo, he hum Arcan-
 jo, he huma Virtude, he hum Principado, he huma
 Potestade, he huma Dominação, he hum Throno, he
 hum Querubim, e he hum Serafim; Serafim no amor,
 Querubim na sciencia, Throno na magestade, Domi-
 nação no imperio, Potestade nas commisões, Princi-
 pado nos respeitos, Virtude nas efficacias, Arcanjo
 na fortaleza, e Anjo no ministerio.

Dott. il-
 lumia,

Valhame Deos! que não parem ainda aqui os elo-
 gios, e as excellencias deste assombro da graça, e des-
 te palmo da natureza; a mais se estende a individuação,
 com que os Doutos querem amplificar a sua intelli-
 gencia em declararnos com propriedade quem he este
 Santo; mas mais claro o meu S. Bernardino de Sena: D. Ber-
 Este Santo, diz elle, he hũa perfeita imagem da Santif- Sen.

sim a Trindade, he hum transumpto do Eterno Pay, poder, he hum retrato de Deos na Pessoa do Filho, finalmente he hum a imagem do Espirito Santo, tendo por privilegio do seu merecimento muitas propriedades, e não menos prerogativas dessa Divina Pessoa.

Verdadeiramente q̃ se não pôde mais dizer! e parece que não pôde chegar a mais não a affectada exaggeração, mas sim a intelligencia syncera destas doudas Pennas; porèm ainda ultimamente me acabarey de explicar, começando-o a conhecer. Saybaõ em fim que he este portentoso Heroy aquelle, que p... admiração de todo o Mundo foy imagem do Espirito Santo, retrato do Filho, transumpto do Pay, Serafim no amor, Querubim na sciencia, Throno na Magestade, Dominação no imperio, Poteidade nas commissões, Principado nos respeitos, Virtude nas efficacias, Arcanjo na fortaleza, Anjo no ministerio, Virgem o mais puro, Confessor o mais penitente, Doutor o mais scientifico, Martyr o mais constante, Apostolo o mais zeloso, Profeta o mais illuminado, e Patriarca o mais poderoso; eu o digo de hum a vez, o sempre inclyto, admirando, nunca assásmente engrandecido, porque a toda a definição elevado, meu grande Pay S. Francisco, total objecto destas decorosas venerações, e superior assumpto de tão Regios cultos.

E que S. Francisco meu Padre fosse, e seja naquelles dous Reynos de Christo hum Santo de todos os Reys, e o Rey de todos os Santos, he conceito tão filho do mais acertado discurso, que nas demonstrações desta verdade estabelecerey nesta hora todo o meu desempenho; para o que devemos em primeiro lugar advertir que no presente Euangelho he São Francisco muito particular motivo das graças, que Christo bem nosso dá a seu Eterno Pay pelos altissimos segredos,

que

que lhe revelára: *Confiteor tibi, Pater, Domine Cæli, & terræ, quia abscondisti hæc à sapientibus, & prudentibus, & revelasti ea parvulis*; que o nosso Santo seja destas graças o motivo muito particular, o douto Castilho Burgenfe o expressou assim: *Et revelasti ea parvulis; parvulis pluraliter accipiendo pro parvulo singulari Francisco.* *Eurg. hic.*

Prodigiosa interpretação na verdade! porém que revelaria a São Francisco o Eterno Pay? O nosso mesmo Santo o declara: *Nemo, diz Francisco, ostendebat mihi, quid deberem facere; sed ipse Altissimus revelavit mihi*; de donde, q diz o nosso Santo q o que elle obrava, não era impulto de conceito humano, mas sim execução de decreto Divino; era-lhe revelado pela mesma Divindade tudo o que havia de obrar, porque tudo chegou Francisco a merecer. Logo se revelou o Eterno Pay a Francisco o que a outrem não revelou, e obrava Francisco conforme os decretos da Divindade, segundo a individuação, que temos feito dos dous Reynos de Christo com especialidade, dividiremos a empresa deste Panegyrico em duas partes; e pelo que São Francisco obrou, admiralloha a nossa attenção em primeiro lugar no espiritual Reyno de Christo Rey de todos os Santos, e em segundo lugar Santo de todos os Reys neste Reyno de Portugal. O primeiro discurso será todo predicativo por conceituado, e será o segundo mais academico por historico. Temos exposto o assumpto, vamos ao desempenho da primeira parte.

No

*No Reyno espiritual de Christo he São Francisco
o Rey de todos os Santos.*

PRimeiramente Rey de todos os Santos he São Francisco nosso Patriarca no espiritual Reyno de Christo, que, como já adverti, he a Igreja Catholica. E certo que esta conclusão tem tanto de verdadeira, quanto nos ha de ficar nesta primeira parte manifesta. Para o que havemos de considerar em primeiro lugar que Deos poz aos Reys na Terra para imagens do seu poder, e para sombras da sua soberania; onde teve fundamento Hermes Thermegisto para chamar aos Reys os ultimos dos Deoses, e os primeiros dos homens: porque entre os homens os primeiros na soberania, e immediatos aos Deoses no poder. O que assim advertido, fundemos agora o discurso neste argumento.

Poz Deos Senhor nosso aos Reys na Terra por imagens do seu poder, e do seu dominio: logo no Reyno Espiritual de Christo aquelle Santo, que mais participou desse dominio, e desse poder de Deos, he o que se deve com especialidade reconhecer pelo mais coroado Rey entre os mais Santos. S. Francisco entre os mais Santos foy o que mais participou desse poder, e desse dominio de Deos; logo entre os mais Santos he S. Francisco o que mais logra a coroa de Rey nesse espiritual Reyno de Christo. O argumento conclue formalmente, mostrando eu ser S. Francisco entre todos os Santos o Santo, que mais participou de Deos o dominio, e o poder. O que sem duvida nos ficará manifesto, se advertirmos que, não participando Deos a Santo algum universalmente toda a esfera do seu dominio, e do seu poder, a communicou com tal propor-

porção a S. Francisco, que, se a esfera da Omnipotencia Divina he o Ceo, o Purgatorio, o Inferno, e a Terra; sobre a Terra, no Inferno, no Purgatorio, e no Ceo domina universalmente o poder de S. Francisco. Vamos com individuação, e clareza.

Que o poder de S. Francisco universalmente domine sobre a Terra, a mesma Igreja, que na authoridade excede a todos os Padres, o dá a entender, quando affirma que sobre todas as creaturas teve dominio o poder de hum São Francisco: *Hic creaturis imperat.* Ex Offic: Scraph.
 Bem que para credito total desta verdade bastará fazermos numa attenta reflexão no que referirey agora.

Naceu o nosso Patriarca no an. de mil e cento e oitenta e dous, Estação tão terrivel para o Christianismo, que parece queriaõ sobrepujar, e exceder as violencias da malicia humana aos estabelecimentos da misericordia Divina. Via-se sobre a Terra o Reyno Espiritual de Christo arruinado com malditas feitas, destruido com abominaveis vicios, e chegava a tanto esta conspiração venenosa, que inficionado della o Emperador Federico negava a obediencia ao Papa, empenhando-se em destruir com armas as terras da Igreja, e com scismas os dogmas Catholicos. Na tormenta de tantas calamidades, e no labyrintho de tantas ansias agonizava esse Espiritual Reyno de Christo, quando dispoz a altissima Providencia de Deos que fosse São Francisco o Reparador de tantos danos, persuadindo-o assim: *Vade, Francisce, repara domum meam, quæ labitur.* Vay, Francisco, e repara a minha Igreja, que se arruina.

Dezempenhou Francisco com tão heroyca resolução este decreto da Omnipotencia, satisfazendo aos impulsos da graça, que instituindo tres Ordens, com estas reparou de tal fórte o Reyno de Christo, que a

mesma Igreja ficou reconhecendo, se a Christo bẽ nos-
so por seu fundador, por base da sua refórma a Fran-
cisco; inculcando se assim Francisco nas demonstra-
ções tão poderoso sobre a Terra, que, se o mesmo
Christo para fundar aquelle Reyno mostrou sobre es-
sa Terra o seu poder todo, como se prova daquelle
Mat. 28. Texto: *Data est mihi omnis potestas in terra*, qual poder
n. 18. não ficaremos reconhecendo em Francisco sobre a
Terra na refórma desse Reyno; quando muito sem
comparaçã mayores são as difficuldades, que se ven-
cem no que se refôrma, que no que se funda. co-
aos Escriurarios he manifesto?

No principio do Mundo formou Deos com hum
Fiat os Ceos, a Terra, e toda esta prodigiosa maqui-
na do Universo; com huma inspiração fez á sua ima-
gem semelhante o homem: *Inspiravit*; porẽm só nas
Gen. 2. aguas se deteve, diz S. Jeronymo sobre as palavras:
n. 7. *Spiritus Dei ferebatur super aquas*. Pois as aguas
com tanto vagar, e o mais com tanta pressa? Sim, diz
Tert. hic o grande Tertulliano: *Jam tunc ipso habitu prænota-*
batur ad Baptismi figuram instinctos reformaturum. Que
as aguas significavaõ as do Baptismo, em que se havia
de reformar o homem; por isso com as aguas se houve
per modum habitûs: *Jam tunc ipso habitu prænotabatur*,
e em produzir o mais *per modum actûs*. Os actos, sa-
bem os Filósofos, logo passaõ; mas os habitos são hu-
mas qualidades intensionaes, que perseveraõ. Para
Deos formar o Mundo bastou hum acto: *Fiat*; para
formar o homem bastou huma inspiração: *Inspiravit*;
mas para reformar o homem não bastou hum acto, to-
raõ sim necessarios muitos actos, que fazem hum ha-
bito: *Ex actibus frequentatis generatur habitus*. Sem
duvida, para que entendessemos o muito que o refor-
mar por mais difficultoso ao formar excede.

O mesmo Deos, que no Parayso inspira: *Inspiravit*, e o que no Calvario espira: *Videns autem Centurio quia sic clamans expirasset*. Vejaõ o que vay de inspirar e espirar, meçaõ o que dista de padecer huma morte a dispor huma vida, que tanta distancia vay da fôrma á refôrma. Deos inspira quando fôrma o homem, e quando o refôrma espira. A mesma Igreja Catholica nos confirma o conceito no Sacrosanto Sacrificio da Missa: *Deus, qui humanæ substantiæ dignitatem mirabiliter condidisti, & mirabilius reformasti*. Diz que foy admiravel a nossa creação, porèm que muito mais admiravel a nossa fôrma.

Marc. 15.
num. 39.

Ex Orat.
Eccles.

Se tanto mais admiravel por mais ardua, e difficiltoza he a refôrma, que a fundação, e Christo fundando sobre a Terra o Espiritual Reyno da sua Igreja se mostrou sobre a Terra taõ poderoso, vindo Francisco por commissão do mesmo Christo a ser sobre a Terra Reformador do seu Reyno Espiritual: *Vade, Francisce, repara domum meam, quæ labitur*, bem se acredita o relevante poder, e supremo dominio, que sobre a Terra teve São Francisco.

Teve, e tem tambem São Francisco dominio, e poder no Inferno, e sobre os mesmos demonios; pois elles nesse abyssmo tenebroso o reconhecerão, e mostrarão assim quando nasceu na Terra a luz de Francisco, como refere o douto Pelbarto: *Tanto lumine resplenduisse fertur, ut dæmones territi putaverunt Judicii diem imminere*; tremeraõ, e temeraõ no Inferno os mesmos demonios, imaginando que era o dia final aquelle dia, em que na Terra nasceu para refôrma do Mundo aquelle, que tanto havia de poder no Mundo com a sua refôrma.

Pelb.
Serm. 2.
B. Franc.

Entre as visões admiraveis, que teve Frey Sylvestre, hum dos primitivos filhos de Francisco, foy aquella,

S E R M A M.

la, em que da boca do Santo vio sahir huma Cruz de ouro, com que punha em medrosa fugida a hum Dragaõ, que em densas nuvens de escuridades terriveis pretendia sepultar o Mundo; e como aquelle Dragaõ era o demonio, bem mostrava assim Francisco o grande poder, que sobre elle tinha. He o que tambem tinha já previsto o Euangelista.

A quatro Anjos, que eraõ quatro demonios, como advertem os Santos Padres com S. Jeronymo, e Santo Agostinho, vio o Euangelista no seu Apocalypse. e não sendo o seu empenho outro mais que m^o aarem aos homens por Mar, e Terra, ref^o eu em dizer o Euangelista q^{ue} toda a ira destes quatro demonios refreava, e imperiosamente suspendia hum quinto Anjo, que na mesma visãõ se representou clamando contra o designio dos quatro: *Et clamavit voce magna quatuor Angelis, dicens: Nolite nocere terræ, & mari.*

Apoc.
c.7.n.2.

Ricardo Vitorino: *Clamavit voce magna, quia eorum malitiam magnæ authoritatis imperio refrænabat.* Valha-me o Ceo; mysterioso Anjo he este na verdade, que tanto a favor dos homens se oppõem ao demonio! E quem será Anjo tão admiravel, e que tão grande dominio tem sobre esses espiritos perversos? Reparemo porèm nos sinaes, e por elles se manifestará o objecto da nossa admiração: *Et vidi alterum Angelum, habentem signum Dei vivi.* Este Anjo adornado com os sinaes do mesmo Senhor he São Francisco, a quem esmaltaõ os sanguinolentos matizes das Chagas de JESU Christo: *Significari potest beatus Franciscus per hunc Angelum Stigmatibus Christi consignatus* diz o meu Lyra.

Ibid.

In sua
Glos ad
hunc lo-
cum.

ra. E bem, com que era Francisco este Anjo? Pois para que se veja o grande poder, e dominio, que Francisco tem no Inferno, e sobre os demonios, mande nesta occasiãõ o Anjo, em que Francisco se representa,

que cedaõ esses espiritos perversos de seus intentos malignos, e que sem demora deixem de molestar aos homens: *Clamavit voce magna, &c.*

Se pois tanto assim sobre os demonios, e no Inferno tem São Francisco poder, e dominio, bem podemos assentar que tambem quanto a esta parte se proporcio-
na muito por participacão com a mesma esfera do poder de Deos.

Tem São Francisco naõ menos poder no Purgatorio. Verdade taõ constante, que a acreditaõ, e confirmacão do Cardeal Pizano, Mayronio, Vital, e outros muitos, referindo-nos que todos os annos no dia, em que se applaude o do seu nascimenro, desce Francisco ao Purgatorio, e resgatando com incrivel gloria as Almas dos seus filhos, e dos seus devotos, que alli padecem, as leva consigo para essa Gloria incomparavel. Ouçãõ authenticado este privilegio da boca do mesmo Christo fallando com Francisco, segundo refere o Cardeal Pizano: *Sicut ego in die obitûs mei ad Limbum accessi, & meritis, ac virtute Stigmatum Passionis meae Animas, quas inveni, abstraxi; sic volo quòd tu in die natalitii tui vadas quolibet anno ad Purgatorium, & omnes Animas trium Ordinum, quas ibidem invenies, in virtute, ac efficaciâ tuorum Stigmatum eruas, & ad gloriam Paradysi perducas.* Valha-me Deos, supremo privilegio na verdade! Mas por isso Francisco com singular dominio, e soberano poder no Purgatorio, e muito participado de Deos.

Agora perceberemos aquella visãõ, que no Cap. 1. do seu Apocalypse refere o Euangelista; diz que vira entre sete candieiros de ouro a huma Personagem muito semelhante ao Filho do homem, isto he, muito semelhante a Christo, expõem Sylveira: *Vidi similem Filio hominis, nempe Christo, qui passim dicitur Filius homi-*

Apoc. 1.
Sylv. ad
hunc
locum.

hominis. Entre todos os Santos não tem havido outro, que fosse a Christo mais semelhante, que S. Francisco; causa, porque o meu São Bernardino de Sena entende esta visão do Apocalypse de meu Padre São Francisco: *Ad hanc quidem pervenit Beatus Franciscus, ut meritò propter hoc, & expressius ad literam propter Stigmata ejus, similis Filio hominis.* Ouvi agora o que Francisco prefigurado neste fugeito do Apocalypse dizia ao Euangelista: *Habeo claves inferni.* Eu tenho as chaves do Inferno. Pelo Inferno nas Divinas Letras se entende também o Purgatorio. Francisco, a quem aquella Personagem representa, tem as chaves do Purgatorio? Sim; porque, como nas mesmas Divinas Letras pelas chaves se decifre o poder, e dominio, para que se veja que tem Francisco dominio, e poder no Purgatorio, diga a mesma Personagem, em quem Francisco se representa ao Euangelista, que tem desse mesmo Purgatorio as chaves: *Habeo claves inferni.*

S. Bern.
Sen. t. 2.
fol. 636.

Emfim teve, e tem também Francisco poder, e dominio sobre os Ceos, e tanto sobre os Ceos se attende ao poder, e dominio de Francisco, que são as vozes, e as disposições deste assombro do Mundo as que mais respeitos merecem, e as que mais attenções adquirem. Disse-o o meu São Bernardino: *De Beato Francisco legitur quòd Angelus dixit ei: Tu commoves Caelestem Curiam, quia nullus ibi auditur, nisi tu;* mas não he muito que no Ceo mostre Francisco entre todos os Bemaventurados todo este dominio, e todo este poder, se entre todos he Francisco o que no Ceo logra o superior lugar. Não pareça encarecimento, que eu não tenho de reportarme, nem poderaõ desmentirme; pois sey que logra no Ceo Francisco o lugar mais superior, e o melhor lugar, que todos os Santos,

tos, melhor lugar, que todos os Anjos, melhor lugar, que Maria Santissima, e de algum modo melhor lugar, que o mesmo Christo. Não me julguem temerario, que eu não digo mais do que o que posso dizer. Attendaõ, e veraõ como he claro, e evidente o que digo.

Digo pois que està Francisco no Ceo em melhor lugar, que todos os Santos; pois, sendo no Ceo aos lugares dos Santos superiores os lugares dos Anjos, se os lugares dos Anjos està no Ceo Francisco: logo

està em melhor lugar, que os mais Santos. Està S.

Francisco no Ceo em melhor lugar, que os Anjos, pois estando Maria Santissima no Ceo sobre todos os

Anjos collocada: *Exaltata est Sancta Dei Genitrix super choros Angelorum*, o lugar de Francisco no Ceo he superior ao da Senhora: logo em melhor lugar que

os Anjos està São Francisco no Ceo. Està São Francisco no Ceo em melhor lugar que a Senhora, pois,

estando em melhor lugar que a Senhora Christo no Ceo, Francisco de algum modo no Ceo está em melhor lugar que Christo: logo está Francisco no Ceo

em melhor lugar que a Senhora. Està Francisco no Ceo de algum modo em melhor lugar que Christo, e

sem duvida nos persuadiremos a esta verdade, se bem advertirmos no lugar, em que està a Alma de Francisco no Ceo. A Alma de Francisco no Ceo está dentro do peito de Christo; o que se prova daquella visão, que teve hum filho de Francisco na Provincia da

Marca. Dezejou este Servo de Deos saber o lugar, que occupava no Ceo a Alma do nosso Santo, dispoz

Deos que para satisfazer aquella devota ansia fosse em visão ao Ceo arrebatado, e correndo com os olhos os

Bemaventurados todos, sem que entre elles visse a Alma de Francisco, todo admirado, e confuso exclamou.

Ex Offis.
Assumpt.
B. Virg.

mou: Que he isto, não está no Ceo a Alma de meu Serafico Padre, que he feito daquelle exemplar da pobreza, daquelle pasmo da penitencia, daquelle Crucifixo vivo, estampado com os sinaes da redempção do Mundo? Mas oh prodigio raro! Levantou Christo o braço direito, e mostrou-lhe dentro no seu Lado a Alma de Francisco.

Agora deduzo eu esta conclusão. A Alma de Francisco no Ceo está no Lado de Christo: vem logo a estar no Ceo em melhor lugar do que Christo a Alma Francisco; porque não só vem a estar no lugar que Christo está, mas o mesmo Christo no Ceo vem a servir de lugar. Bem sabe o Theologo que fallo aqui *de loco pro materiali, idest, pro continente locatum; non verò pro maiori, vel minori intentione graduum gloriae*: que neste sentido não se pôde Francisco comparar com Christo, nem ainda com a Senhora; porém no primeiro sentido he infallivel a verdade da conclusão.

Notad.
valde.

Verdadeiramente que eu não sey pudesse remontar-se a mais o merecimento deste assombro da natureza! Mas, se tanto assim se enthronizou Francisco, ficando preminente a todos os Bemaventurados no Ceo, que muito seja o Bemaventurado, que mais participe entre todos daquelle Divino, e ineffavel poder? Antes assim se devia affirmar, para reconhecemos participou Francisco tanto desse poder Divino mais que os mais Santos, que tendo o Divino poder por esfera Ceo, Terra, Purgatorio, e Inferno, do poder de Francisco por participação he a mesma esfera do Inferno, Purgatorio, Terra, e Ceo. E se todos os Santos, que no espirital Reyno de Christo tem havido, aquelle, que mais chegou a participar desse Divino poder, he o que entre os mais deve acclamar-se Rey

coroado, por fazer Deos na Terra aos Reys humanos imagens do seu poder, digamos, que dizemos bem, he Francisco no mystico Reyno da Igreja Catholica o Rey de todos os Santos.

Assim he; e, se ainda para esta conclusão he necessaria a prova, que a confirme, efficacissima a temos em um singular privilegio a outro Santo não concedido mais que ao nosso grande Patriarca; e vem a ser o conservar-se ainda hoje em pè depois do seu tranzito glorioso o Corpo de Francisco sobre seu veneravel se-

Eu não reparo em que esteja depois de tantos annos ainda, e ainda incorrupto aquelle corpo prodigioso: porque sey que neste mystico Reyno de Christo são muitos os Santos, que lograõ esta especial prerogativa, com que os finala a pròvida Omnipotencia. Noto sim por singularissimo, e portentoso milagre, e favor supremo, que, ficando nas sepulturas prostrados esses corpos, ainda que incorruptos, e inteiros, o Corpo de Francisco se não visse prostrado na sepultura, mas sim se conserve em pè, servindo de admiracão a todos a especialidade deste portento! E pois ha de estar em pè na sepultura o Corpo de Francisco, estando prostrados nas sepulturas os Corpos dos mais Santos? Sim; para daqui inferirmos ao discurso a confirmação genuina de que neste espiritual Reyno de Christo he São Francisco Rey de todos os Santos.

Sonha Joseph o filho de Jacob que seus irmãos o adoravaõ, symbolizados assim estes, como o mesmo Joseph em huns manipulos de trigo; refere a seus irmãos o sonho, e d'elle tiraõ por legitima esta consequencia: *Numquid Rex noster eris?* has de por ventura ser nosso Rey? Mysteriosa illaçã! E qual será desta illaçã mysteriosa o motivo, com que fundamento

pre-

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Gen. 37.
n. 7.

Ibid. n.
8.

presuppõem em Joseph a coroa, senão tem por antecedencia mais que huma fantasia? Com causa razoavel. Diz o Texto que na conta, que Joseph lhes dera do sonho, que teve, lhes declarara tambem que elle em quanto symbolizado no manipulo de trigo se singularizava na circumstancia de ficar em pé, quando elle nos mais manipulos comprehendidos se viaõ por terra prostrados, dizendo nesta submissãõ os motivos da sua eminencia, pois o adoravaõ no passo, em que se submettiaõ: *Et quasi consurgere manipulum meum, & stare, vestrosque manipulos circumstantes adorare manipulum meum.* Todos sabem que os manipulos de trigo saõ como despojos, que corta a morte, digo, que corta a foice, o mais proprio jeroglyfico da morte; pois como Parca de sua vegetavel vida, roubando-lhes os alentos, porque respiravaõ ufanos, os deixa por terra prostrados. Porém não obstante presupporse tambem assim o de Joseph rendido, quando devia, como os mais, ficar prostrado, vemos que se achou em pé sobre a terra: *Quasi consurgere manipulum meum, & stare.* Manipulo cortado da terra dos viventes, ficando em pé como vivente não cortado da terra? Em Joseph foy sombra, porém desta sombra o corpo he o corpo de Francisco, que depois que a morte o destituiu dos alentos da vida, foy, e he elle só entre os mais o que sobre a terra ficou sem se prostrar, como por demonstração de que triumphava com melhor vida dessa terrivel morte. E pois se em figura desta realidade foy Joseph entre seus irmãos Rey inferido, porque não reconheceremos nós a Francisco realidade daquella figura, entre os mais Santos Rey coroado?

Eu cuido que a este discurso me porão huma duvida de alguma sorte para mayor credito do nosso Santo bem fundada, porém para não menor gloria do pensamento

mento sem muito trabalho fatiseita. Dirão pois que, supposto houvessem neste Espiritual Reyno de Christo muitos Santos, que não foraõ Reys, tem havido muitos Reys, que foraõ Santos; como pôde ser pois Francisco de todos os Santos Rey? Boa he a duvida, mas genuina ao nosso intento a resposta: porque nisso consiste a mayor soberania de Francisco, que na Igreja não só deve ser reconhecido, e venerado Rey daquelles Santos, que não foraõ Reys, mas tambem ve-, e reconhecido Rey daquelles Reys, que fo-

Os primeiros Reys Santos, que depois de Christo vir ao Mundo conheceu o respeito Catholico, foraõ os tres, que adoraraõ ao mesmo Christo nacido no Presepio. Attendamos agora ao que refere Soria falando destes Reys Santos pelo que toca a Francisco: *Cum sanctissima trium Regum corpora delata essent in quodam Dormedario, miraculosè se inclinavit, & genuflexit, ut Franciscum adoraret.* De sorte que trasladando-se os corpos daquelles mesmos tres Reys Santos, como a inconstancias do mais indomito elemento se vissem naufragar entre os perigosos combates de huma terrivel tormenta, foraõ pelos impulsos desta conduzidos á Cidade de Assis, collocados dentro de tres urnas sobre hum Dormedario, que sem humano norte, e só por superior instincto encaminhou os passos ao estabulo, onde se achava Francisco recém nacido, e cõ assombros dos circunstantes se prostrou por terra, inclinando-se reverente, dispondo-o assim a Divina Providencia, para que Francisco se visse adorado dos mesmos Reys em suas milagrosas cinzas, que adoraraõ a Christo Senhor nosso. Agora digo eu. Toda a adoração diz dous respeitos, hum de inferioridade em quem adora, outro de preeminencia na pessoa adorada.

Soria in
Vita S.
Franc. p.
4. c. 34.

da: logo, sendo Francisco adorado pelos tres primeiros Reys, que foraõ Santos depois de Christo vir ao Mundo fundar a sua Igreja, porque não diremos que não só por superior aos Santos, que não foraõ Reys, he Francisco Rey de todos os Santos, mas tambem por preminente aos Santos, que foraõ Reys, he Rey desses mesmos Reys o nosso Santo? Certo que assim o devemos reconhecer, e por ultima conclusã confessar que atè agora não houve Rey, que Santo se assemelhasse ao nosso Santo Rey.

Eu reparey em affirmar o Sagrado Texto no titulo 49. do Ecclesiastico que não houvera na terra quem na dignidade, e grandeza se comparasse a José, Principe que foy do Egypto: *Nemo natus est in terra, ut Joseph*; e muito mais me admira a razã: *Quia natus est homo Princeps fratrum*, porque nasceu para Principe de seus irmãos.

Ecclef.
49. n.
17.

ibidem
n. 18.

E pois por Joseph sair a luz para Principe de seus irmãos, o ha de avaliar o Ecclesiastico tão singularizado na soberania, e magestade, que não pôde descobrir entre os mesmos Principes outro, que com elle se compare, ou que com elle nos merecimentos compita. Sim; porque os irmãos de Joseph todos eraõ Principes, e cabeças das suas Tribus no Reyno de Israel, como o mesmo Texto adverte: *Principes Tribuum filiorum Israel*: Logo nascendo Joseph para Principe de seus irmãos: *Quia natus est homo Princeps fratrum*, e sendo no Reyno de Israel todos seus irmãos Principes, vinha a ficar Joseph sendo Principe de Principes na Terra, isto he, no Reyno de Israel, que com especialidade se reconhecia naquelle tempo Reyno de Deos. E com hum Principe, que no Reyno de Deos he Principe de Principes, não ha de haver quem na grandeza, e magestade possa comparar-se, ou chegue

medir-se: *Nemo natus est in terra ut Joseph: quia natus est homo Princeps fratrum.*

Se pois Joseph, por ser Principe de Principes, foy hum sem semelhante na magestade, e grandeza; tendo no espirital Reyno de Christo Francisco meu Patriarca entre todos os mais Santos a coroa de Rey, e não só a respeito daquelles Santos, que não foraõ Reys, mas tambem a respeito daquelles Reys, que foraõ Santos, porque não direy eu, que não houve, nem neste mystico Reyno de Christo tivemos ainda Rey semelhante? Ora assim o devemos todos reconhecer; que não se estendem, ou remontaõ a menos as exaltações de Francisco pelo que na vida exerceu, não obrando por dezempenho do Euangelho mais que o que o mesmo Deos lhe revelou: *Ipse Altissimus revelavit mihi quid deberem facere. Revelasti ea parvulis: parvulis pluraliter accipiendo pro parvulo singulari Francisco.*

*No Reyno de Portugal he São Francisco o Santo
de todos os Reys.*

EM segundo lugar foy, e he tambem o meu Patriarca hum Santo de todos os Reys; e sem duvida que, se a formalidade da empresa me não coarctára os lances do discurso, ou não contivera os passos ao pensamento, subiraõ as demonstrações de ponto para o mayor credito do emprego, sendo-o ao assumpto, cõ singular circumstancia, este Reyno dos Portuguezes, por ter no Mundo elemental a especialidade de eleito pelo mesmo Christo para Reyno seu; ainda que creyo não houve até agora Rey entre os Christãos depois
que

que São Francisco fo y objecto das admirações de todo o Mundo, de quem Francisco não fosse Santo o mais venerado nos cultos, e o mais seguido nos affectos.

Nem esta verdade para o conceito de todos necessita de prova, que não seja a mesma experiencia, acreditada com mayor assombro no acatamento imponderavel, que naquelle grande terror do Mundo pelas armas, o Solimaõ, achou o nosso Santo; pois nos conta que, tendo-o retratado sobre o seu leito para mulacro da sua veneração, deu lugar a hum Embayx dor de Veneza a novidade, a que expendesse por demonstração intelligivel o reparo, a q̃ fatisfez o mesmo Solimaõ com acerto, dizendo-lhe: Que quem tinha poder para sustentar debayxo do estandarte do seu amparo só com a clamorosa voz do seu nome tão extensa, e quasi innumeravel familia, como lhe era notorio, era digno de que em todo o Mundo fosse respeitado, e reconhecido por grande entre os Monarcas, e ainda daquelles, a quem por inimigos da Christandade lhes não incumbia sacrificar affectos aos que não contavaõ por idolos.

Porèm deixando estas, e semelhantes ponderações, por não fugir da formalidade do discurso, que na segunda parte desta empreza nos obriga a refutar o que não for extracto do muito, que na estimação dos nobres serenissimos Reys de Portugal foy unico, e singular o nosso Santo, estabeleçamos a verdade deste conceito nestas evidencias.

Naõ tem havido Rey em Portugal ha quinhentos e onze annos, tempo em que São Francisco entrou neste Reyno; esteve na Cidade da Guarda; foy à Villa de Guimarães; onde para mostrar-se agradecido à caridade, que hum devoto lhe fizera, não pode ter occulta a
effi-

efficacia da sua virtude; pois se lhe presentou por objecto della, para tornalla das horrorosas sombras da morte á luz da vida, huma filha daquelle, que desinteressado na acção de caritativo, lucràra tanto favor venturoso. Passou depois a Braga, da hi a Ponte de Lima: esteve na Cidade de Bargarça, que naquelle tempo era Villa; e não sem providencia muy attendivel fundou presencialmente nella o seu primeiro Convento entre os mais, que veyo a ter neste Reyno, felice prognostico, que então vaticinára o asylo, que na Real protecção de tão illustre solar haviaão de ter seus filhos neste Reyno com os presentes, e repetidos beneficios, que recebem. Passemos pois destas evidencias ao nosso argumento.

Naõ tem havido, como disse, Rey em Portugal desde que Francisco entrou neste Reyno, a quem seus venturosos filhos naõ devaõ, e naõ confessem ternas demonstrações do affecto, com que sempre foraõ tratados, e attendidos, especialmente neste para todos os Menores o mayor tempo: logo foy Francisco, e he sempre no Reyno de Portugal o Santo de todos os seus Reys. Naõ retardaremos a ponderação á infallibilidade desta consequencia; porèm vejamos em primeiro lugar como he indefectivel o antecedente, isto he, o naõ ter havido Rey em Portugal, de quem naõ fossem sempre, e ao presente muito mais, os filhos de São Francisco.

O que se prova com evidencia manifesta do muito que os nossos serenissimos Reys nos honraraõ; dos muitos Conventos, que neste seu Reyno com urbanidade, agrado, e grandeza nos fizeraõ; que parece reputaõ por timbres da Magestade estes lances da benevolencia. Das repetidas vezes que nos mesmos Conventos assistiraõ, fazendo throno da humildade, naõ
sey

ley se por acinte à emulação: do magnanimo desvelo, com que nos foraõ sempre prospero refugio: do quanto se resignavaõ nos acordos daquelles, que para as acções do espirito elegiam.

Diga-o ElRey D. Sancho II. tendo, e conservando por Confessor a hum filho de S. Francisco. Tres filhos de Francisco lograraõ este exercicio com ElRey D. Diniz muito à satisfação do seu interior, honrando-lhes com a voz do credito o desvelo do cargo, favor que anima ao mesmo passo que premeyra. Dous tiveraõ esta mesma fortuna com ElRey Dom Affonso o IV. ElRey D. Pedro I. fez grande no conceito attencioso a hum pequeno na profissão apertada, ainda que nem por isso a pequenez perigou na vãagloria, nem a grandeza na humildade. ElRey Dom Fernando observou tambem estes documentos anteriores com as honras, que na mesma occupação permittio a dous filhos da Ordem. Com mayor gloria, e credito della se contàraõ a ElRey Dom João o I. seis Confessores, todos filhos do nosso grande Padre: parece que porfiava em honra nossa a Regia benevolencia contra os desvarios do tempo, que não sey se invejoso pretendia embaraçarlhe os benignos affectos, que não pudera desmentirlhe. ElRey D. Duarte teve tres, e dous ElRey Dom Affonso V. Monarca, de quem o Convento de São Francisco de Lamego recebeu taõ repetidas mercês, e favores taõ relevantes, que sem estreitar os ambitos da sua grandeza, parece que sò a li queria erigir padrões á sua magnanimidade.

O Convento de S. Francisco da Cidade de Coimbra vio-se competindo nas estimacões com as do mais venerado, e sumptuoso, fazendo-se acclamar nelle Rey de Portugal por todos os Estados do Reyno ElRey Dom João o I. Não menor gloria permittio ao

Con-

Convento de São Francisco da Villa de Santarem com o acto de jurarse Rey nelle D. João o II. Soberano, tão affectuoso amante da nossa Ordem, que se empenhou em acreditalla com a successiva assistencia, que fez em hum Convento de S. Francisco na Villa de Setubal, rendendo-lhe tambem neste solennissimamente as graças pelo triunfo, que conseguiu a sua vida do mais fatal, quanto evidente perigo. El Rey D. João o III. El Rey D. Manoel, o serenissimo Rey D. João o IV. de feliz recordação, o muito alto, e poderoso Rey D. Pedro II. foraõ tão affectivos em beneficiarnos com tão Real magnificencia, e com amor tão ineffavel, que ainda que emnòs sejaõ eternas as confissões, nunca feraõ cabaes os agradecimentos, porque lhe sobreexcedem sempre infinitos aquelles favores.

Pondere-se aqui por complemento desta estricta comprovação a clemencia, com que o famoso Rey D. Sebastião, estimando tambem por Confessores a dous Religiosos da nossa Ordem, se dignou de honrar os filhos desta Provincia da Arrabida com mercè tão superior, e tão publica, que podia despertar a emulação mais adormecida a vozes da inveja mais justa, se o tofco sayal, de que faz gala a nossa submissão, pudesse ser emprego de calumnias ao mesmo passo que fosse receptaculo de vãaglorias: pois elegeu aquelle serenissimo Monarca para a acção de lançarlhes o Habito de Christo, como sem duvida lançou no Convento da Provincia da Piedade no Cabo de S. Vicente, a hum Religioso, q̃ havia sido o primeiro Noviço desta Provincia, Fr. Pedro Lagarto, honra, a que devem ceder as que sobem de ponto no conceito.

Naõ declaro agora a multiplicidade de Conventos, a que neste Reyno deraõ glorioso principio, e memoravel fim os nossos Reys, lançãdo pessoalmente em muitos

tos a primeira pedra, base que serve de felicitarlhe eterna a duração. Nem individuo as grandiosas esmolas, com que sempre os soccorrerão, affecto muy filho de huma entranhavel piedade, que em todo o tempo exercitaraõ. Nem digo com distincção os successivos Prègadores, e Conselheiros, a que desta nossa Ordem assentiraõ. Nem os muitos Bispos, e Arcebispos, com que tem nella exaltado os creditos de hum merecimento humilde; porque sobre ser pratica muy diffusa, he empreza para novo assumpto. Porém quem quizer faciar o appetite attencioso da curiosidade, recorra á historia Serafica de Portugal, que a mim basta-me para coroa, e remate deste sublime extracto dizer que os serenissimos Reys, Rainhas, e Principes desta Monarquia honraõ sempre com devota veneração a Terceira Regra da Penitencia, professando-a, e dizendo-nos assim respeito pelo Instituto Serafico.

Mas, se taõ honorificos favores, e incomparaveis beneficios tem recebido a Ordem nos tempos passados de todos os nossos Reys neste Reyno de Portugal, que direy eu agora, sem muita, e precisa admiração, dos que se nos participaõ no presente tempo? Sem duvida que a não offenderse a exemplarissima modestia do mais alto, o mais soberano, e o mais poderoso Rey, que por innumeraveis annos, e com prosperidades immensas nos guarde para gloria sua o Rey de todos os Reys Deos Senhor nosso, diria que nunca mais que agora se viraõ os filhos de São Francisco com excesso honrados, e com extremo favorecidos; se bem que entre todos com obrigação mais evidente, e com imponderavel singularidade os que nesta Provincia da Arrabida vivemos, cheyos, não do vaidoso ar, que pudera communicarnos a repetição de tantas graças, mas sim do cabal reconhecimento, que chega a propornos

pornos a indignidade a tantas honras.

Oh mais que ditosa Provincia! E quem dissera, que nascendo la nas asperezas dessa ferra, havias de merecer esta dita? Quem ajuizara que a voz da tua humilidade chegaria a fazer ecco tão sonoro nas attenções de hum respeito tão profundo, se medidas as distancias, parecem impossiveis as tuas vehemencias? Quem se persuadiria que contando já hoje cento e oitenta annos de vida, mostrarias tão fortalecidos alentos a quem te suppuzesse já em rigorosos delmayos? Porém tudo pôde a Regia influencia, e a soberana protecção do mais sublime Astro, para que a todos inculques, e pertuadas indisputavel a tua perpetuidade. Muito parabem te seja dita tão relevante, e fortuna tão preeminente: colloca-te muito ambora nesse Emporio de felicidades sem q̃ desvanecida passes a váagloriosa, ainda que muito a pezar dos sopros da emulação; pois em quanto amparada das eminencias daquelle Olympo preexcelso, não terás que temer os corruptiveis vapores da terra, e só sim que lograr os parabens, e as acclamações de unica, que todos te repitaõ, em quanto eu proseguindo a formalidade do meu discurso passo a discutir as ponderaveis circumstancias daquelle meu primeiro argumento.

Porque supposto, e bem advertido o que nos fica manifesto, e he, não haver atè agora Rey em Portugal desde que S. Francisco nelle entrou, de quem, e ao presente muito mais, não fossem seus filhos; antecedente do nosso argumento. Aqui se reconhecerà agora claramente a infallibilidade da consequencia, que não era outra mais que o ser S. Francisco neste Reyno de Portugal o Santo de todos os Reys, o que se prova com evidencia *ex vi* do mesmo antecedente: porque, como delle pelo que fica referido nos conste
serem

ferem os filhos de Francisco aquelles, que aos nossos Reys devem tantos beneficios, e tantos favores, claro está, que entre todos os vassallos desta Monarquia são de Francisco os filhos tanto mais dos nossos Reys, quanto entre todos os mais obrigados. Todos estes favores, e todos estes beneficios, que sempre nos fizeram, e de que com nosco usáramos, foram em obsequio, e por respeito de Francisco nosso Patriarca: logo devemos reconhecer a Francisco hum Santo todo dos nossos Reys, porque aos nossos Reys he mais que todos obrigado o nosso Santo; pois he inquestionavel, que os favores, beneficios, graças, e honras, que aos filhos se fazem, e se participão aos filhos em obsequio, e por respeito dos pays, obriguem ainda muito mais, e com mais efficacia aos pays, do que aos mesmos filhos.

Vay, Abrahaõ, a hum monte, que eu te hey de mostrar, lhe disse Deos, e faze-me sacrificio de Isac. Obedece Abrahaõ sem repugnancia; mas ao levar da espada para despedir o golpe: *Arripuit gladium*, aco-
 Gen. 22. n. 10. de hum Anjo, e lhe suspende ao impulso o passo: *Ne extendas manum tuam super puerum*. Reparey eu em que, fazendo Deos pela acção deste Anjo o favor, e beneficio a Isac, escusando-o da morte, que lhe ficára pendente do fio da espada, com que Abrahaõ lhe ameaçou a vida, nos dê a entender o Sagrado Texto o muito, que por este beneficio se reconheceria a Deos obrigado Abrahaõ, e não Isac; pois não consta desse mesmo Texto que Isac fizesse demonstração alguma de favorecido, e Abrahaõ sim no holocausto, com que pretendeu mostrar a Deos o seu agradecimento. Pois por certo que não era Isac ainda tão menino, que
 Alap. hic fol. 194. não tivesse os seus vinte e cinco annos, idade mais que sufficiente para advertir na grande obrigação, que havia

via contrahido: logo como he Abrahaõ, e naõ Ifac o que retribue o agradecimento, e o que mais reconhece a obrigaçaõ? Foy o caso, que o beneficio sim se fez a Ifac, mas participouse-lhe por respeito de Abrahaõ, como diz o Alapide. Era Abrahaõ pay de Ifac; pois seja muito embora Ifac o favorecido, que Abrahaõ he o que se ha de mostrar obrigado: para conhecermos, e confessarmos assim que os favores, e beneficios, que se communicão aos filhos por respeito dos pays, obrigaõ ainda muito mais aos pays, do que aos filhos.

Se pois tanto ainda mais obrigaõ aos pays, que aos filhos os favores, e beneficios, que a effes filhos se fazem por respeito, e em obsequio dos pays, participando sempre os Reys de Portugal em obsequio, e por respeito de Francisco a seus filhos tantos beneficios, e tantos favores, como já ponderey, bem se fica percebendo o muito que estará obrigado aos nossos serenissimos Reys de Portugal aquelle Pay por quem se fazem dignos de tanta urbanidade huns filhos pelo merecimento indignos a tanta gloria, o que he sem duvida; razãõ, porque todo dos nossos Reys he S. Francisco. Nem isto para mim he assumpto da mayor admiracão; pois outro principio evidentissimo me mostra ser S. Francisco tanto hum Santo dos nossos Reys, que nenhum Santo he tanto dos nossos Reys, que S. Francisco. Eu o mostro, e acabo o Sermaõ.

Todos sabemos que aos nossos Reys de Portugal deu Christo Bem N.as suas Chagas por Armas de modo, que contêm em si as Armas dos nossos Reys de Portugal infixas, e reconcentradas as cinco Chagas de de Christo Bem. N. Bem: retrato destas cinco Chagas em quanto Armas, só Francisco entre todos os Santos o logra: porque o mesmo Redemptor do Mundo retratou singularmente em S. Francisco as suas Chagas, como

Vorag.
Serm. 1.
Stigm. S.
Franc.

como por glorioso braço de suas Armas ; assim o refere o Bispo Januense: *Christus dedit beato Francisco Stigmata sua tanquam arma*. Pois se em quanto Armas se retratao nas Chagas de Francisco de Christo as Chagas : *Tanquam Arma*, e só dos nossos serenissimos Reys de Portugal saõ as Armas o retrato das Chagas de Christo, bem se deixa ver que ou as Chagas de Francisco saõ as Armas dos nossos Reys, ou, e ainda melhor, que S. Francisco pelas Armas das suas Chagas he entre todos os Santos o Santo muito particular dos nossos Reys, porque estes sómente tem o retrato das Chagas de Christo por Armas.

Sem duvida q̃ nos não pôde ficar esta verdade mais evidente, mas por ser tudo assim, bem podemos concluir o discurso, affirmando que, se Francisco no Reyno espirital de Christo foy Rey de todos os Santos, neste Reyno de Portugal he o Santo de todos os Reys; exaltações, realces, e preeminencias, que conseguiu não menos em hum, que em outro Reyno pelos seus merecimentos estabelecidos no que obrou em desempenho do Euangelho, não excedendo o que o Eterno Pay lhe revelára: *Ipse Altissimus revelavit mihi, &c. Revelasti ea, &c.*

Omnipotente Deos, altissimo Monarca, e Senhor o mais Soberano, fallando com essa Magestade principiey o Sermaõ, e como sois de todas as cousas principio, e fim: *Alpha, & Omega; principium, & finis*, justo he que tambem o acabe fallando com essa mesma Magestade. Já eu adverti, Senhor, vos tinhamos hoje presente por Sacramentado o Rey mais poderoso, o Rey mais scientifico, e o Rey mais amante; o que a todos he tão evidente, quanto he manifesto a todos o muito q̃ vos mostrais empenhado em dar a este dia do nosso Patriarca com a vossa Real assistencia os creditos,

ros, que chegam a preelevar-lhe os cultos; sendo timbres da vossa grandeza os affectos daquella humildade, para que assim se reconheçam sem hyperbole encarecidos os merecimentos, que eu não deixo cabalmente exaggerados.

Agora pois em abono da indefectivel obrigação, em que os seus filhos nos consideramos pela dita, que reconhecemos, eu em nome de todos, ainda que para todos indigno de nome, me prostro reverente aos pés desse Throno, e fazendo delles aras, onde como victima em acção de graças sacrifique do coração os affectos, fervorosamente, e com extremosa ansia vos agradeço as repetidas honras, e incomparaveis mercês, que a toda esta Provincia, em particular, e geralmente a toda a Ordem Serafica, participa a vossa inacessivel grandeza, protestando que tudo o que não for satisfazer aos agrados dessa preexcellsa Magestade, encontrará na nossa attenção infallivel a mais justa displicencia: e dilatando os ambitos deste nosso agradecimento, será sempre conforme aos dictames da vossa vontade o nosso affecto, valendo de irrefragavel testemunho a este protesto o dizer agora, e o repetir em todo o tempo, que nem Francisco meu grande Pay pôde sobre a terra ter mais honorificos applausos, que os que se lhe consagração neste Convento, deduzidos da felicidade, que a vossa presença lhe permite, e a todos seus filhos, que com inexplicavel desvanecimento a lograão: pedindo-vos nos deixeis chegar todos a vovos, como fidelissimos vassallos a essa Magestade Suprema, nessa Gloria.

F I M.



